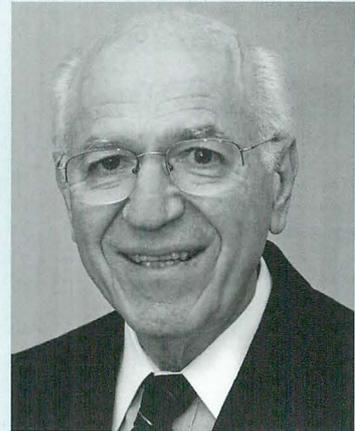


Valores humanos – A saúde

Por JOSÉ PASTORE



ARQUIVO PESSOAL

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) Brasil acaba de lançar um novo indicador social, o Índice de Valores Humanos (IVH), para captar a percepção das pessoas sobre as situações do dia a dia. Inicialmente, foram pesquisados a educação, o trabalho e a saúde. Os brasileiros veem sua vida em situação razoável nas três áreas, com um IVH de 0,59 (o índice varia de 0 a 1). Mas em relação à saúde o descontentamento é grande (0,45). As pessoas se queixam, sobretudo, da demora do atendimento e do baixo interesse dos profissionais em ajudá-las. Esses resultados se referem aos serviços de saúde dos setores público e privado, devendo ser piores no setor público.

Muitos argumentarão que o IVH capta o subjetivo das pessoas e que não permite a formulação de políticas objetivas. Ledo engano. O sentimento das carências é de extrema utilidade para orientar as políticas públicas. Ademais, os dados indicam que a sensação de precariedade dos entrevistados reflete muito bem o que os atinge na realidade. Nas sete maiores capitais do País, os pacientes que recorrem ao Sistema Único de Saúde (SUS) esperam, em média, seis meses para realizar uma operação de amígdalas ou para corrigir uma fratura. A colocação de uma prótese no quadril chega a demorar três anos. Há casos de quatro anos. Ou seja, as queixas subjetivas têm fundamentos muito objetivos. São vários os casos em que os pacientes têm de ir à Justiça para ser atendidos.

Quanto à qualidade do atendimento, muitas são as reclamações de pessoas que sofrem dores desnecessárias. Recentemente, a imprensa noticiou que 76% das parturientes do SUS não são ajudadas com medicamentos para aliviar as dores de parto. Os exemplos se multiplicam para confirmar o descaso apontado. E quais são as causas? O próprio ministro da Saúde admite que o SUS gasta apenas R\$ 675 *per capita*/ano com atendimento, vacinas, cirurgias etc. É uma quantia irrisória.

Para uma avaliação honesta, não se pode esquecer dos maus-tratos a que são submetidos os que trabalham para o SUS. Para uma diária em UTI, o SUS paga aos hospitais apenas R\$ 410 – o seu custo ultrapassa R\$ 3 mil por dia.

Para uma cirurgia cardíaca (revascularização do miocárdio), o reembolso ao hospital é de R\$ 2.900, quando custa, no mínimo, R\$ 6 mil. E para a equipe de sete profissionais que realiza essa delicada operação, o SUS paga R\$ 1.330. Na melhor das hipóteses, o cirurgião-chefe fica com R\$ 300!

É verdade que o bom atendimento é uma obrigação moral de qualquer profissional. Mas, convenhamos, são colossais a frustração e o estresse que acometem um cirurgião que precisa realizar uma enorme quantidade de operações de R\$ 300 para poder viver com o mínimo de dignidade. Para fazer um parto, o SUS paga R\$ 267 ao hospital (custo de R\$ 1.800) e R\$ 175 para serem divididos entre o obstetra e dois auxiliares. É uma afronta.

A Associação Paulista de Medicina acaba de publicar um estudo comparativo, segundo o qual os médicos do serviço público na Inglaterra ganham, em média, o equivalente a US\$ 118 mil por ano; no Canadá, US\$ 211 mil; na Holanda, US\$ 253 mil (Bruna Cenço. *O Valor do Trabalho do Médico no Brasil e no Exterior*. Revista da APM, agosto de 2010). E no Brasil? O salário médio dos médicos brasileiros, incluindo os que trabalham nos setores público e privado, é de R\$ 2.373 mensais, o que dá cerca de US\$ 17 mil por ano.

É verdade que estamos comparando países avançados com uma nação emergente. Mas, na palavra de nossos governantes, esta nação está prestes a ocupar um lugar entre os cinco países mais ricos do mundo. Vamos parar com isso. Basta de ufanismo. Temos de reconhecer que o brasileiro perde até 13 anos de sua vida em razão do precário atendimento de sua saúde. Essa é a vergonhosa realidade e o que está por trás das respostas no estudo do Pnud.

Está na hora de os nossos governantes levarem a sério o respeito e a atenção que os brasileiros que trabalham e pagam impostos bem merecem. □

JOSÉ PASTORE é Doutor *Honoris Causa* em Ciência e Ph.D. em Sociologia pela *University of Wisconsin* (EUA). É Professor Titular da Faculdade de Economia e Administração e da Fundação Instituto de Administração, ambas da Universidade de São Paulo. Pesquisador da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e consultor em relações do trabalho e recursos humanos.